

ANA BRITO



UM
MUNDO
IMAGINADO

June Goodfield, norte-americana, é historiadora da Ciência. Resolve, na década de setenta, analisar a produção de uma pesquisa científica. Entra em contato, então, com Ana Brito, uma jovem imunologista portuguesa, recém-chegada da Inglaterra, onde fizera seu doutorado.

Goodfield passa a acompanhar a pesquisadora e seu esforço criativo. Discutem suas atividades, desde o cotidiano do laboratório até sua reflexão individual sobre o processo de investigação. Nos períodos em que estão distantes, mantêm correspondência.

O resultado foi "AN IMAGINED WORLD", livro de Goodfield, traduzido para o Português e editado pela Editora Gradiva — Portugal.

O Encarte deste nosso Adverso são excertos daquela correspondência. E... se uma Goodfield estivesse acompanhando um de nós?

Joacir T. N. Medeiros

28 de julho de 1975

Se continuo a insistir que o individuo não conta, a não ser na medida do empreendimento colectivo em que todos participamos, faço-o porque assim não nos esquecemos — ou não nos deveríamos esquecer — do enorme exército anônimo de pessoas que executam tarefas banais e de que nunca ninguém ouviu falar. Eu não conto mais do que elas; elas são tão importantes como eu. E nós encaramos a ciência dum modo demasiado elitista e arrogante. (...)

23 de Abril de 1975

— Sentei-me a folhear tristemente um livro com pinturas de Whistler, olhando-as devagar, página a página. Como se fazer as coisas devagar pudesse fazer o próprio tempo avançar lentamente e atrasar o momento da partida — adiar de tal maneira, que nunca chegue.

• Viver os dias que faltam lentamente — comer lentamente, ou passear, andar lentamente, ou até ouvir lentamente —, para criar a ilusão de distância do fim, de um fim que está perto.

Um fim que, para dizer a verdade, está presente há muito tempo. Há anos, quando assistia no Porto a uma reunião internacional sobre imunodeficiência, fiquei impressionada pela qualidade do trabalho realizado na América. Foi como a sensação de água fria num rosto abrasado pelo sol. Lembro-me de estar sentada a escutar o orador e de me interrogar sobre o que podíamos fazer, dadas a modéstia e as limitações da nossa ciência.

Quando alguns amigos americanos deram uma saltada a Glasgow, antes de seguirem para Edimburgo, lembro-me de que chorei silenciosamente no táxi vazio, depois de os ter deixado no hotel. Nesse dia percebi que todos os laços de afecto que me ligavam àquele sítio tinham de ser cortados, mais cedo ou mais tarde, e que eu prosseguiria sozinha, perdendo a extrema simplicidade daquela vida inglesa, tão calma.

Guardo dentro de mim uma série de imagens. A dos meus pais, envelhecidos, dizendo-me tristemente adeus no aeroporto de Lisboa; a do glorioso verde inglês à beira do mar inglês, e quase tenho a sensação de estar outra vez enganada. Partir é doloroso. É sempre doloroso partir — mesmo quando não somos nós que vamos embora. Um dia, em Lisboa, fui até ao cais e dei por mim com os olhos cheios de lágrimas ao observar aquelas pessoas que partiam e as que choravam ao separarem-se.

Sempre disse que sinto mais a falta das coisas do que das pessoas, o que é verdade e faz com que a minha mãe ache que sou um monstro. Mas as pessoas ficam sempre dentro de nós, no emaranhado — no secreto emaranhado — das palavras trocadas, dos momentos compartilhados, dos silêncios, das sensações das cores e dos cheiros, todas essas coisas humanas que persistem em nós. Com as coisas não é assim. (...)

Glasgow —
Abril de 1975



— Estou farta. Às vezes a vida é brilhante de desvendar; outras vezes são só artigos e mais artigos não aceites para publicação. Estou muito excitada com a ida para a América. Dá-me novas hipóteses. Vai ser como voltar a casa. O preço de crescemos pode ser terrível, mas, quando ninguém nos conhece, ninguém se importa connosco, ninguém fala connosco, ninguém nos interrompe, pode-se ser muito criativo. Foi assim em Londres. E o preço? Solidão, é claro.

• Fiquei no laboratório até às 5 da manhã. Eu e os melros. A ecotaxe está a ser aceite pouco a pouco: tenho provas irrefutáveis, mas é sempre excitante ter a idéia sem ter a prova. Às vezes, as coisas acontecem tão naturalmente, que é difícil vermos em que ponto nos enganámos. Este aprisionamento: é uma anomalia do

baço ou é uma anomalia dos linfócitos? E interessará realmente sabê-lo? A verdadeira questão é: porque se dá a depleção, porquê o aprisionamento?

Precisamos de patronos da ciência, como os da Renascença. É muito importante arranjá-los e ter pessoas que mantenham a atmosfera de um laboratório salutar.

24 de Abril de 1975

— Fala-me, na sua carta, sobre “o empreendimento”. O verdadeiro contributo do “empreendimento” não é o que começa e acaba no espírito de uma só pessoa. Posso morrer amanhã, ou também posso decidir ficar em Glasgow. Apesar disso, o empreendimento, a inevitabilidade do pensamento colectivo, esses continuarão. E sinceramente penso que isso não me incomoda. E o mesmo se passa com os meus problemas: não posso lutar pela minha própria promoção ou por títulos, etc. A única coisa que me interessa é ser feliz. Isso é importante, porque, quando sou feliz e estou em paz, sou cientificamente mais criativa e mais rica. No fim de contas, a hipótese da má distribuição dos linfócitos desenvolveu-se aqui, na quietude do meu apartamento, nesta cidade fria e cinzenta. Mas, se eu não tivesse tido essa ideia, outros a teriam, porque as provas iam acumulando.

O importante é o número de indivíduos num círculo de tempo e num determinado espaço. Se a maioria é medíocre, o empreendimento perde-se e isso representa uma perda terrível. Porque, por definição própria, os medíocres escolherão outros medíocres, e para quebrar esse círculo será necessário muito tempo.

15 de Junho de 1975

— Escrevo e volto a escrever o meu relatório final para a MRC, rascunhando a parte teórica — não, não mais teoria, dada a evidência corrente — de um artigo sobre a circulação de linfócitos e a doença. Aqui estou eu. Mês de exames, tempo de exames, tempo de vigilância calma e silenciosa. Sentado à minha frente está o melhor e mais prometedor dos nossos futuros médicos, resolvendo um ponto de exame de um modo geral pouco interessante. A parede para onde olho é, de facto, uma enorme janela, escondida por detrás de uma cortina baça, com uma parte esculpida em pedra branca de Glasgow e que vejo do local onde me encontro. A pedra é uma testemunha de que somos apenas protagonistas. Estas reflexões ocorrem-me enquanto vou vigiando os exames e a propósito do título de um estudo que escrevo para o editor Chapman Hall: Factos e Significado da Circulação de Linfócitos. Não há eco sem som. Não há reflexão de imagem sem existir o objecto, e os factos sem a correspondente explicação ficam incompletos.

Poderá adivinhar qual o sentimento que repentinamente me invade enquanto estou para aqui sentada? É o sabor dos anos passados em Inglaterra como se eu tivesse sido uma palavra entre parênteses. Já pensou qual deve ser a sensação das palavras entre



parênteses? Tenho a certeza de que, para uma palavra rebelde, será bom ser metida de vez em quando entre parênteses. Aprenderá autodisciplina e disciplina, humildade, capacidade crítica, e, como o tempo, sentir-se-á fora delas, apreciará melhor a vida, o fluxo da linguagem e a corrente de que faz parte.

Sou uma palavra fora de parênteses, aqui sentada a vigiar exames, rascunhando livremente o esboço para o relatório do Medical Research Council, preparando-me para estudos e para conferências. E olho para trás e vejo essa imensa linha convexa, desaparecendo ao longe como estações que se transformam em longínquas plataformas cinzentas, à medida que o comboio se afasta..

4 de Outubro de 1975

— Acabei agora mesmo de ler um estudo sobre a obra de Neruda. Nunca ninguém conseguirá conhecer-me completamente sem o ler. Se eu fosse poeta a tempo inteiro, cantando o dia cinzento e a noite prateada, gostaria de ser Neruda. Há poucas pessoas no mundo que me façam sentir feliz por viver ao mesmo tempo que elas e Neruda é uma dessas pessoas. A dimensão humana da sua poesia é fantástica. Traduziu em poemas tudo aquilo que devia preocupar a humanidade inteira.

Vou falar-lhe da minha semana.

Ocupadíssima: decidi finalmente o que vou fazer no futuro próximo e trabalhei muito. Passei duas ou três tardes inteiras na biblioteca e na quinta e na sexta-feira estava muito deprimida.

Os artigos sobre imunologia têm aumentado em todos os sentidos: em quantidade e em tamanho. Alguns são muito bons e muito pormenorizados. Tão pormenorizados que me lembram uma pessoa que olha para a beira-mar e não vê a maré que banha a praia. Cá estou eu com a minha fantasia. Porque é que preciso de pensar que isso interessa? Porque é que tenho de acreditar que isso é importante? Porque é que me convenço de que tenho a responsabilidade de demonstrar e procurar as provas de uma idéia, quando tenho a certeza de que há centenas de pessoas que o podem fazer e que, se morrer amanhã, não terá importância nenhuma?

Não sei se Gerald Edelman, Jim Watson ou Francis Crick caíram alguma vez em depressão. Mas a maioria de nós precisa de uma grande força para acreditar que vale a pena lutar para conseguirmos os nossos objectivos. E no fim de uma semana ventosa e húmida em Glasgow é difícil conservar essa força. Não imagina como é importante ter este nosso projecto a cumprir dentro de mim. Importante pelo significado que dá a todos os meus gestos, porque sinto que nada do que estou a fazer é inútil. Os trabalhadores que empacotam parafusos ou que controlam circuitos electrónicos talvez não saibam que o cientista — que eles imaginam um ser criativo — deseja, por vezes, ter um trabalho como o deles. E pergunto-me se não seria melhor para mim ser treinada como uma mulher ou um homem normal e ter de aprender a montar circuitos electrónicos, ou a trabalhar no



campo, ou fazer qualquer outra coisa e depois aceitar novamente o peso das idéias que carrego.

Ao mesmo tempo, sinto crescer em mim uma excitação silenciosa, causada pela questão da circulação dos linfócitos. Pela primeira vez me apercebi do valor que a sua aplicação prática teria, caso resultasse. Descobriu-se que os doentes que têm metástases (que espalham as células cancerígenas) possuem um número de linfócitos baixo. É possível que isto se passe devido à ecotaxe, as células ficam retidas nas metástases. Se seguirmos o percurso que fazem, depressa teremos um sistema de alerta da distribuição das metástases. Não é?

Não esqueça o Stoppard! Ou se é revolucionário ou não, e, se não se é, pode-se muito bem ser artista ou outra coisa qualquer.
1 Tom Stoppard, *Travesties*.

9 de Outubro de 1975

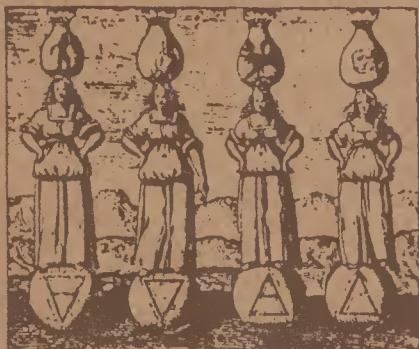
— Chove tanto que parece que o céu se vai desfazer em água. No dia em que não choveu, Glasgow estava linda, com uma gama de amarelos e de vermelho-berriantes.

Sem nenhum professor de Imunologia presente, começou hoje o famoso curso B. Sc. (em Imunologia). Um está adoentado e outro perdeu-se algures, na Europa. Como coordenadora, disse o que me competia: as universidades são locais de aprender, não locais de ensinar; que no universo da ciência, quando um facto passa a ser parte do conhecimento estabelecido, deixa de pertencer ao processo científico e passa a ser um instrumento de trabalho tão sólido como uma centrifugadora, sem a instabilidade que caracteriza as coisas desconhecidas e possíveis de serem postas em questão. Também lhes disse onde são os sanitários.

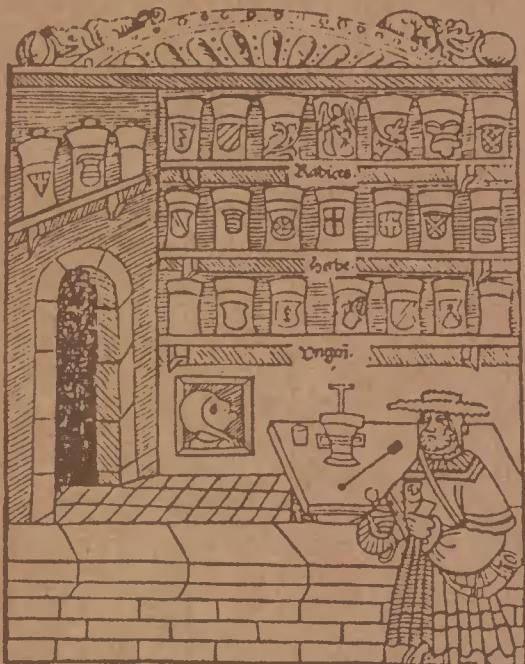
Depois houve uma reunião com Sebastian e os grupos de estudo dos linfócitos. Comigo e com Sebastian éramos seis ao todo. Nada mau para quem — como Sebastian — ainda há quatro anos não acreditava nos linfócitos.

A minha descoberta (ver gravação de 25 de Agosto) é verdadeira e consigo repeti-la todas as semanas. Estou tão entusiasmada, que parece que rebento. Nem consigo dormir de noite.

19 de Novembro de 1975



— Esta manhã, depois de ter passado toda a noite a ler, a pensar e a escrever a argumentação das provas que tenho, levantei-me terrivelmente circunspecta e com um sentimento de veneração que tentei analisar. Tentei lembrar-me de outros momentos em que isso me tivesse acontecido, em que tivesse experimentado esta espécie de veneração por uma coisa ou por uma pessoa, e recordo-me perfeitamente de quando e onde aconteceu. No final de um longo passeio no Valle de los Caídos, em Espanha, onde estão sepultados todos os que caíram na Guerra Civil — os vermelhos e os franquistas; em Rehovot, neste Verão, no fim de uma grande alameda arborizada que nos leva à sepultura de Weizman, no Instituto Weizman, onde se ergue uma estátua aos mortos da segunda guerra mundial. Mas, depois de



ter feito um longo percurso de descobertas, quando cheguei a um ponto em que quanto mais lia mais sentido as coisas faziam, não consigo perceber como foi possível ficar tão circunspecta depois de ter vivido aqueles emocionantes momentos de uma alegria pura e autêntica. Não consigo perceber porque me sinto assim quando cheguei a um ponto que me parece fundamental para a regularização da resposta imunológica. Como é que funcionamos quando penetrarmos em camadas mais profundas do conhecimento das pessoas ou das coisas?

De certo modo, foram um pouco assim as nossas observações anteriores sobre a circulação das células, mas sabia que isso não era essencial: porque não eram essas as respostas que procurávamos no momento. O facto de saber que este fenómeno não era fundamental foi uma das razões que fizeram com que me entregasse totalmente, como agora.

E esta circunspecção com que acordei hoje? Quando sentimos que tocamos num ponto essencial para uma pessoa, ou em relação a um determinado problema, sentimo-nos, de certo modo, agradecidos, porque tivemos o privilégio de tocar numa zona do conhecimento que permanece impenetrável para os outros.

De certo modo, é curioso que tenha conseguido chegar a este ponto, estando tão longe do esplendor e da riqueza do mundo da ciência de Nova Iorque.

No biotério, a situação é tão má que não conseguimos arranjar dinheiro para muitos animais. Fazemos uma experiência por semana, utilizando poucos ratinhos. Hoje morreu um desses ratinhos e quase lhe fizemos um funeral nacional.

Podemos ser pobres mas... À hora do almoço alguém fez uma palestra sobre a influência da ampicilina na mononucleose infecciosa. Não pode imaginar qual é a sensação de partir da miséria de uma experiência semanal com meia dúzia de ratinhos para a enorme riqueza das ideias, verificando que, apesar desta pobreza material, conseguimos derivar para outras situações experimentais e clínicas. Parece que a ecotaxopatia — um nome muito longo para a doença que é causada pelo aprisionamento dios linfócitos que deviam circular — pode ter repercussões muito graves. A falta de linfócitos implica problemas. Este conceito pode facilmente ajudar na compreensão de imensos fenómenos paraimunológicos — os que, por exemplo, ocorrem quando há uma infecção — e que, por enquanto, desconhecemos em absoluto.

20 de Abril de 1976

— Algures a não sei quantos mil metros de altitude sobre o Atlântico. Tudo muito irreal: tudo muito, muito irreal. Penso que a realidade começará quando aterrará. Hoje é mais um avião, embora a minha bagagem tenha 180 quilos de excesso, mais uma mala pequena, outra que vem da "casinha dos ratinhos" de Glasgow, outra... como tantas outras vezes. Nada me diz ou me faz sentir que ficaram para trás 9 anos — melhor, 12 — em Inglaterra (36 de Europa), e desta vez não voltarei para trás.



East Street 81, Nova Iorque
30 de Abril/1 de Maio, meia noite

Quem dividiu a Terra? Quem nos dividiu e nos fez sentir pretos e brancos, americanos e ingleses e portugueses, quando só o que somos é primatas solitários, vagueando à aventura na maravilha tecnológica que nós próprios iniciámos? Emigrando uma vez só — para a morte — sem passaporte. Quem nos dividiu e nos fez sentir culpados quando partimos? Quando só verdadeiramente pertencemos aos nossos destinos individuais. Ainda que, para muitos, esse destino seja partilharem as suas vidas com outros. Quem fez tudo isto? A história?

— Imensas coisas para fazer. Limpar novamente o chão, o forno, arranjar telefone, fazer as encomendas no laboratório, encontrar-me com o coordenador financeiro do Instituto e com o futuro técnico, ler o livro de Anne Sayre sobre Rosalind Franklin; olhar para a casa e transformá-la, no meu íntimo, numa outra “casinha de ratinhos”. Depois sentar-me horas e horas e, como areia arremessada pelo vento de mudanças, arrumar o passado e deixar o futuro começar. Relembrei pequenas coisas dos velhos tempos, ao reencontrar o trabalho que fiz há anos, e sei que este é o local ideal para fazer as perguntas relativamente simples que ponho a mim própria. Mas não nos iludamos. Dizer, como Anne Sayre, que o sacrifício de Rosalind Franklin foi não ter filhos! Disparate!

Não sei o que é um sacrifício. É uma coisa deliberada e sagrada? A vida não é isso. A vida é uma seqüência misteriosa de opções e de mudanças, que fez de mim uma mulher solteira aos 36 anos, “professora associada” ou “competente”, dependente da companhia burocrática ou amigável que possa encontrar. Uma pessoa é o resultado de ter dito não a isto e sim àquilo — não uma vez, mas duas, três, talvez quatro ou cinco vezes.

As coisas correram bem na reunião. As coisas correm bem quando os outros acreditam em nós. Isto torna mais fáceis as opções do “sim”.

O microscópio chega na próxima semana e espero estar pronta para começar a trabalhar.

7 de Maio de 1976

— No espaço que decorreu entre a minha última carta e esta tivemos uma visita — uma visita inquisitorial aos que pedem subsídios, feita por aqueles que os poderão conceder. É uma altura em que somos assaltados por dúvidas terríveis. Porque é que se pede um subsídio? É fácil perguntar. Porque é que um pessoa desiste de tudo para correr atrás de uma coisa que é uma simples ideia interior? Sinto-me atormentada por dúvidas terríveis. Está a acontecer uma série de coisas que podíamos ter previsto! O meu pai faz anos na próxima terça-feira e comprei-lhe um livro. Fui avisada por algumas pessoas de que o autor referia o meu nome e esse é o género de coisas que os meus pais gostarão de ver. Podem não perceber uma única palavra, mas decerto que reconhecerão o seu próprio nome. Por isso comprei o livro. (...)

Quando comecei por lhe dizer que conseguimos mais do que prevíamos, queria dizer que nunca pensei ser citada de um modo tão generoso num livro popular e ter de compartilhar consigo, que escreve este livro, o embaraço que essa experiência me causa.

Tal como os chineses anónimos que teceram o tapete que tenho na sala — com uma minúcia, um amor e uma beleza que igualam a nossa dedicação à causa da ciência —, retomo o meu desejo inicial de que o meu nome não seja mencionado no seu livro. (...)

8 de Julho de 1976

— Pede-me que lhe fale da beleza da ciência. É difícil. Não como as estrelas ou como as árvores. O objecto do nosso dia-a-dia, da nossa rotina, não é “belo” no sentido que a palavra tinha nos séculos XVIII ou XIX. Uma folha é bem em si própria. O mesmo se dirá de uma estrela. A beleza de um rato morto, com as células radiomarcadas e em suspensão num pequeno frasco, num grande contador gama, é, como lhe disse, a beleza interior do conhecimento, do ouvir o silêncio. Para se conseguir apreender a beleza do mundo da ciência em que me movimento, o género de ciência que os seus cientistas da ciência do cancro praticam 1, tem de se gostar de Stockhausen e de ler Cage. Tem de se aprender o significado da palavra beleza no sentido que lhe é dado no século XX, e penso que, de certo modo, os progressos mais notáveis foram feitos no campo da música.

Mas mesmo eu, que aprecio tanto Stockhausen e Cage, quase não consigo pensar com o barulho continuo do congelador do laboratório! Contudo, há ritmos musicais em todos os laboratórios onde existam contadores de células. Os meus preferidos são os dos contadores de radiisótopos. Mas tem de se saber apreciar a beleza de um painel de instrumentos do cockpit de um Boeing 747 para se descobrir a beleza num contador de radiisótopos, têm de se perceber os processos mais íntimos da comunicação que se estabelecem entre o radiisótopo e o cintilador para se sentir que se está na presença de algo verdadeiramente maravilhoso. Desculpe se estou a maçá-la, mas a melhor analogia é sempre o amor — o amor entre pessoas que se convencionou serem feias. A beleza está onde ninguém a pode ver, como a beleza da música contemporânea. Deixe-me ainda citar o credo de Cage: “Acredito que o uso do barulho para produzir música continuará e aumentará até conseguirmos uma música produzida com a ajuda de instrumentos eléctricos”.

Portanto, um laboratório é basicamente uma sinfonia de Cage. Mas temos de estar conscientes da nossa própria cultura que fica para além da porta com o sinal radiactivo. Não ser como aquele distinto imunólogo na Holanda a quem perguntei: “Gosta de Stockhausen?”, e que me respondeu: “Está à venda aqui?”, pensando talvez que era uma marca de salsichas ou algum artigo alemão. Num mundo de células, o microscópico electrónico e aquilo que ele nos permite observar é a expressão mais drástica da verdadeira beleza, até no sentido que se dava à palavra no século XVIII.





Qual a experiência visual mais parecida com a que nos é revelada por um microscópio electrónico? Aqueles seixos pretos no cimo da montanha, em Provence, naquele dia frio e escuro. Lembra-se? Sem cor, só a beleza da forma. As células são redondas. Nos nossos intestinos não há chuva nem neve, mas há erosão. Então, por vezes, no alto dos alpes intestinais tomam uma forma achatada, provocada pelas doenças e acidentes de seus portadores.

“O teu silêncio, Cage, é uma ordem para escutar”, escreveu C. H. Waddington. Veja se consegue arranjar este simpósio: Biologia e a História do Futuro, um simpósio da Unesco, com Cage, Heden, Mead, etc., apresentado por Waddington e publicado em 1972 pela Edinburgh Press.

Inesperadamente, esta semana foi uma das mais importantes da minha carreira de cientista. Uma série de coincidências desagradáveis fez-me decidir não tornar pública nenhuma tese durante os próximos quatro anos. Entretanto vou fazer experiências, até que os resultados falem por si sem eu ter de abrir a boca.

No sábado recebi uma carta de Marion dizendo que tinha sido rejeitado o nosso artigo “Ecotaxe”: o princípio e a sua aplicação para a compreensão das micoses fungicidas”.

Na segunda-feira subi ao último andar do hospital, ao escritório deste jovem que encara o seu trabalho administrativo com uma seriedade comovente, e apresentei-lhe uma nova candidatura a um subsídio para o NIH; olhou-a do alto da sua importância e dos seus paradoxos metodológicos — que lapso freudiano! Queria dizer parágrafos — e disse-me: “Detesto ter de ser eu a dizer-lhe mas não vai resultar, não vai resultar. Mais pormenores, mais pormenores, mais pormenores”. Depois, num dia qualquer do início da semana, recebi, como resposta aos comentários que fizera à discussão da tese de Ângelo, uma carta dele: o mais rude, o mais violenta e talvez o mais justa que se possa imaginar. Para coroar tudo isto, chegaram duas cartas do American Cancer Society — uma com uma recusa formal e outra a dizer que o plano de investigação fora aprovado, mas não fora subsidiado.

Que convicção é esta, tão profunda, que faz com que aceite tudo isto e ainda fique no laboratório até à meia-noite? De onde me vem esta força e esta capacidade que me permite recuperar rapidamente e enfrentar a recusa da American Cancer Society? Na realidade, esta força vem-me de um ratinho.

O meu pedido baseava-se na pretensão de um dia se poderem detectar as metástases seguindo o percurso dos linfócitos, o que é completamente impossível utilizando outros métodos mais convencionais. E aquele ratinho indefeso, com um retinoblastoma provocado nos olhos e um enxerto de timo na pele, mostrou-me exactamente isso. É que, muito provavelmente, o baixo nível de linfócitos que encontrei no sangue dele significa que os linfócitos devem estar retidos no tumor. Esta força também me vem da jovem estudante voluntária no laboratório — que vejo cada vez mais maravilhada e mais interessada nos resultados da pequena



1º de maio de 1977

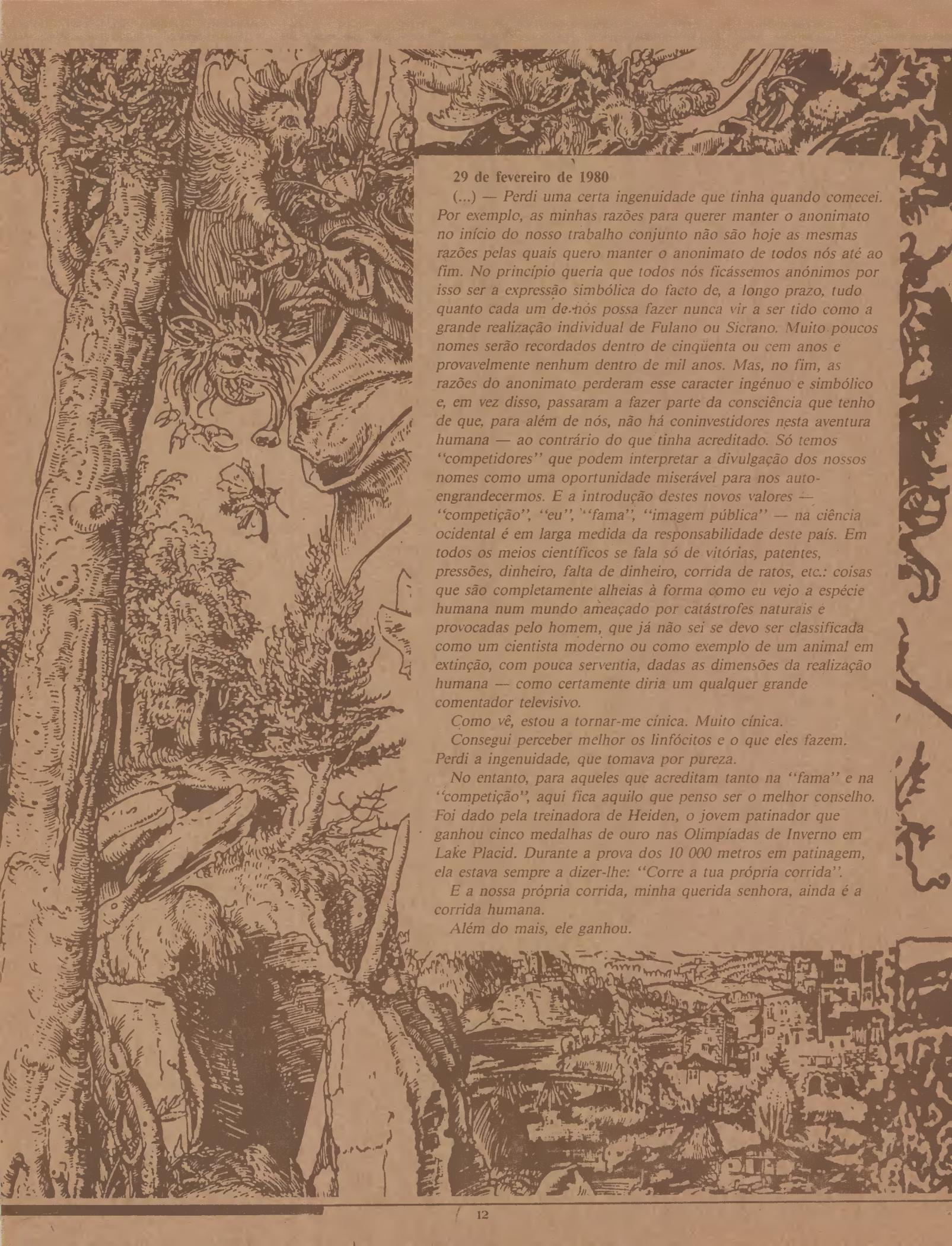
experiência que está a fazer e que reacende em mim a certeza de que a investigação é uma actividade humana muito positiva. Mesmo quando se trata da descoberta mais simples, como encontrar um peixe dourado no fundo de um poço mouro.

Por isso, a partir de agora será assim: uma estrada estreita, reduzida a experiências limitadas; uma situação que diz comigo, com os meus olhos e com a minha posição. Falta muito para ser velha e lamento profundamente o facto de as nossas ideias não valerem um artigo ou um centavo antes de termos 50 anos. Ou talvez nem nessa altura valham nada.

Tenho no meu arquivo manuscritos recusados em quantidade bastante para manter a minha criatividade sob um apertado controlo experimental. A ironia de tudo isto é que vou ficando mais egoísta. Os cientistas não revelam as suas idéias ao público logo que as concebem. Primeiro querem ter provas, porque receiam não serem capazes de fazer as experiências. Mas, ao mesmo tempo, têm um enorme desejo de as partilhar, de deixar que os outros multipliquem as experiências para comprovar se essa ideia está certa ou errada. Se as pessoas reparassem nos rostos angustiados dos que esperam nos átrios dos hospitais para visitarem os seus doentes, compreenderiam esse sentimento. É urgente que se resolvam problemas biológicos que causam sofrimento à humanidade, como é urgente que se mudem as sociedades onde a política mata inocentes que exprimem os seus justos protestos.

Tem sorte em ser historiadora e eu sinto-me feliz por manter acesa dentro de mim uma remota e profunda consciência da história. Não interessa absolutamente nada o que me acontece a mim como sujeito do seu livro, enquanto um caso interessante de uma médica cientista — não interessa o que acontece — que só tem interesse material para si. Tenho a sorte de possuir essa consciência histórica, porque isso me ajuda a acreditar que estou certa, ou, pelo menos, que posso estar certa, e que todos os outros estão enganados. Eu explico: a diferença entre o certo e o errado não é uma diferença que se possa medir ou quantificar, mas traduz-se na mais importante de todas as dimensões — o tempo. Dentro de poucos anos provar-se-á se estou certa ou errada, mas, num caso ou outro, isso não merece o meu presente... quê? Não sei sequer que palavra escrever. Sei que estou cansada. E sabe de quê? De ser jovem.

(...) — Quer saber o que é a criatividade? É quase como um mundo auto-inventado sem qualquer relação com a realidade circundante. Mas eu sei que não estou louca, no sentido em que ninguém me vai ou pode meter num asilo ou num hospital psiquiátrico. Mas o próprio facto de os subsídios serem sistematicamente recusados — estou cá há quase um ano e ainda não recebi nenhum — significa que me represso de tal modo que só os psiquiatras me entenderiam, e não porque me compreendessem realmente, mas por compaixão profissional. (...)



29 de fevereiro de 1980

(...) — Perdi uma certa ingenuidade que tinha quando comecei. Por exemplo, as minhas razões para querer manter o anonimato no início do nosso trabalho conjunto não são hoje as mesmas razões pelas quais quero manter o anonimato de todos nós até ao fim. No princípio queria que todos nós ficássemos anónimos por isso ser a expressão simbólica do facto de, a longo prazo, tudo quanto cada um de nós possa fazer nunca vir a ser tido como a grande realização individual de Fulano ou Sicrano. Muito poucos nomes serão recordados dentro de cinqüenta ou cem anos e provavelmente nenhum dentro de mil anos. Mas, no fim, as razões do anonimato perderam esse carácter ingénuo e simbólico e, em vez disso, passaram a fazer parte da consciência que tenho de que, para além de nós, não há coninvestidores nesta aventura humana — ao contrário do que tinha acreditado. Só temos “competidores” que podem interpretar a divulgação dos nossos nomes como uma oportunidade miserável para nos auto-engrandecermos. E a introdução destes novos valores — “competição”, “eu”, “fama”, “imagem pública” — na ciência ocidental é em larga medida da responsabilidade deste país. Em todos os meios científicos se fala só de vitórias, patentes, pressões, dinheiro, falta de dinheiro, corrida de ratos, etc.: coisas que são completamente alheias à forma como eu vejo a espécie humana num mundo ameaçado por catástrofes naturais e provocadas pelo homem, que já não sei se devo ser classificada como um cientista moderno ou como exemplo de um animal em extinção, com pouca serventia, dadas as dimensões da realização humana — como certamente diria um qualquer grande comentador televisivo.

Como vê, estou a tornar-me cínica. Muito cínica.

Consegui perceber melhor os linfócitos e o que eles fazem. Perdi a ingenuidade, que tomava por pureza.

No entanto, para aqueles que acreditam tanto na “fama” e na “competição”, aqui fica aquilo que penso ser o melhor conselho. Foi dado pela treinadora de Heiden, o jovem patinador que ganhou cinco medalhas de ouro nas Olimpíadas de Inverno em Lake Placid. Durante a prova dos 10 000 metros em patinagem, ela estava sempre a dizer-lhe: “Corre a tua própria corrida”.

E a nossa própria corrida, minha querida senhora, ainda é a corrida humana.

Além do mais, ele ganhou.